

Foto: Anand/STC & Press



A BATALHA PELA DIVERSIDADE

■ NAHIMA MACIEL

Já se foi o tempo de lamentar as desvantagens da internet. O historiador francês Jean-Noël Jean, 66 anos, prefere deixar isso para os melancólicos. Há urgência nessa área e eles não incluem os laços. Hoje, os fatos pedem um contra-ataque e a preservação de que não há como negar o progresso proporcionado pela internet. Por isso Jean prefere passar diretamente à ação quando a Google anunciou, em 2004, o início de um projeto de digitalização de 15 milhões de livros impressos.

Na época diretor da Bibliothèque Nationale François Mitterrand (BNF), a maior da França, o historiador investiu em um plano de digitalização dos livros europeus comandado pelos governos do Velho Mundo. O objetivo não era alimentar uma postura anti-americana, mas cuidar para não deixar nas mãos de uma empresa privada o monopólio do conhecimento, já que a Google seria dona dos arquivos digitalizados para eventuais comercializações. Além disso, Jean prefere perceber que a hierarquização do processo era feita de acordo com o mercado. Erro, mais conhecido ou mais vendido ganhavam destaque, o que prejudicava a diversidade e, mais grave, no caso dos europeus, era a significativa ausência da literatura produzida em outras línguas que não o inglês. Nasceu assim a Europa, projeto em andamento que conta com a colaboração de diversos países e reúne acervos de 100 instituições espalhadas pelos 27 países que formam a União Europeia.

A experiência, contada no livro Quando o Google desafia a Europa, é uma das batalhas de Jean, que está no Brasil para uma série de conferências e conversou com estudantes da Universidade Católica e da Aliança Francesa na última segunda-feira. Ex-presidente da Rádio France e autor de 20 livros, alguns sobre a história da mídia, Jean também foi secretário de estado para a comunicação durante o governo de François Mitterrand. A relação com a rádio é mantida pelo programa de história Concordance des temps, no qual entrevista personalidades da área para a Rádio France. As décadas de trabalho no rádio fizeram o historiador perceber que novas tecnologias de comunicação nanamente derribam as antigas, mas acabam por modificá-las. Para ele, o livro não vai acabar com a chegada dos tablets, embora a maneira de ler das gerações nascidas com a internet seja diferente da leitura praticada em tempos sem rede. A seguir, Jean expõe sua visão sobre internet, eleições e novos modelos para a imprensa.

Qual o futuro da leitura e do livro na sua opinião? Vamos todos ler em plataformas portáteis?

Há uma visão apocalíptica que consiste em dizer que isso matará aquilo. Não compartilho esse ponto de vista. Acredito que haverá fortes mutações, mas que não vão levar à morte do livro. Claro, há um certo tipo de livro que já está morto, como as publicações do tipo Quidd, que são revistas a cada ano. Mas existe um bom número de características próprias do livro-papel que vão se manter por muito tempo. Primeiro pelo conforto de leitura, depois pelo tipo de comércio que mantemos com um livro. Talvez lemos menos. O livro escrito saberá se adaptar a essa nova situação e isso supõe um certo número de condições. Supõe que o livro não seja tentado por atitudes como pesquisas para saber o que as pessoas querem ler, porque isso não funcionará. As livrarias precisam ser mantidas como outra coisa que apenas um comércio, mas como um lugar cultural, onde as pessoas se encontram, discutam. O livro se torna mais do que nunca um mediador. E frente a enorme quantidade de coisas propostas, a condição de mediador se

As livrarias de bairro não desapareceram na França com a chegada das grandes redes. Como isso aconteceu?

Há umas 30 livrarias na França que são hoje lugares mágicos, lugares culturais mesmo. E há umas 200 ou 300 que são muito boas. Por enquanto, elas estão segurando muito bem. É preciso que o estado intervenha e não confie na mão invisível do mercado para organizar o "melhor dos mundos possíveis". A Lei Lang (que tabelou o preço do livro) nos ajudou a nos mantermos contra a tentativa de Bruxelas de nos inclinar em reverência à deusa da concorrência. É realmente uma proteção em relação aos outros países para a manutenção das livrarias. Mas ainda é frágil, porque as pessoas podem resolver comprar na Amazon.

O que o senhor pensa de iniciativas como o Google de colocar na internet milhões de livros, inclusive os que estão protegidos por direitos autorais?

Esse é toda a minha

DE PASSAGEM POR BRASÍLIA, O HISTORIADOR FRANCÊS JEAN-NOËL JEAN CONVIVÊNCIA SAUDÁVEL DO LIVRO COM A INTERNET, EXPLICA OS MOTIVOS ENFRENTAR O GOOGLE E REAFIRMA A IMPORTÂNCIA DAS LIVRARIAS COMO

batalha. Isso me interessa como representativo de uma filosofia política, que não é a minha. O mercado abandonado a ele mesmo não resulta no melhor dos mundos. Primeiro dizemos "ótimo". Uma biblioteca que continha todos os livros seria uma felicidade extravagante. Mas em seguida nos demos conta e nos perguntamos se isso não representava o risco de um monopólio. E com o monopólio vêm a arrogância e os efeitos perversos. O page ranking é feito pela publicidade ligada ao livro. Não quero que tenha, ao lado de Proust, uma publicidade de Madeleine, ou ao lado de O pequeno príncipe, um vendedor de babóis. Em vez de servir à diferença, à diversidade, e é isso que é a cultura, vamos em direção aos pequenos denominadores do gosto do público e isso é perigoso. E tem a arrogância, que todo mundo tem quando detém um monopólio. Isso é traduzido, no caso de Google, pela digitalização de livros para os quais não tinham autorização. Uma verdadeira banditagem.

Qual foi o objetivo ao criar a Europeana?

Lancéi uma contraofensiva que consistia em dizer que precisávamos fazer uma outra biblioteca digital na Europa, não contra o Google, mas para servir à diversidade cultural que, naquele momento, a Drexler estava promovendo em uma convenção. Eu disse que era urgente que organizássemos uma digitalização diferente, com uma organização diferente e com um financiamento diferente. E dissemos aos outros que não iam fazer sozinho, mas com eles. Estive no lapão e eles decidiram fazer isso pelas mesmas razões.

Como foi feita a escolha dos títulos digitalizados?

Eu havia previsto 200 mil livros por ano. Escolhemos tudo que serviu ao desenvolvimento do pensamento da civilização europeia, do humanismo até hoje. Escolhemos também todos os livros de direito, lembrando que o direito é uma matéria onde o fundo e a forma estão intimamente ligados, mais que em outras

disciplinas. Se digitalizássemos todos os livros de direito continental teríamos mais chance de preservar a influência da perpetuação ao lado do direito anglo-saxão. Outra coisa são as línguas, que não são apenas instrumentos de comunicação mas estão intimamente ligadas à cultura. Isso é fundamental na ambivalência da internet, para fazer a ir em direção à diversidade e não à globalização, que apaga todas as diferenças. Eu sei em 2007, mas isso ainda está acontecendo. Isso vai pesar no futuro e não podemos perder tempo. Essa realidade acontece graças à intervenção do estado para não deixar a memória a serviço de efeitos conjugados dos interesses privados das empresas e da indústria, achando que há ali uma química esquisita que vai fazer disso o melhor dos mundos.

No Brasil, estamos fazendo a primeira campanha eleitoral com uso maciço da internet, especialmente nas redes de relacionamento social, onde os candidatos se relacionam diretamente com os eleitores. Quais os pontos positivos e negativos?

É um tema apaixonante especialmente quando nos interessamos pela vida da democracia e pensamos no funcionamento de uma república. Primeiro, é essencial que isso seja guardado, arquivado. É não acho que as empresas privadas tenham vocação para isso, é obviamente uma função pública. E preciso arquivar as telas como arquivamos os jornais, porque senão, no futuro, não entenderemos nada do que acontecerá nas eleições futuras. No fundo, o aporte dessa novidade na campanha eleitoral me parece positivo. O perigo é, evidentemente, a circulação das informações, da sujeira, das fofocas, coisas que sempre existiram nas campanhas eleitorais.

Vamos ter de outra maneira com as novas tecnologias?

Esse é um grande desafio e pode também ser um grande retrocesso em relação à cultura da

INTERNET E EDUCAÇÃO
"NÃO SE PODE SER INGENUO SABEMOS QUE (INTERNET) É PERIGO, MAS SE VALORIZARMOS INACREDITÁVEL RIQUEZA TENTAMOS ORGANIZÁ-LA CLASSIFICÁ-LA, SERÁ UM PROVEITO. É FUNDAMENTAL NA EDUCAÇÃO"

u grande famoso "copy" ditavelmente dos na boa viu gens do fácil a vantagens de feito. A quest classificam nã? Isso nos fa ples: a educa bemos que li rizaromos a in organizá-la e fundamental!

